

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ERIK HAMPE FAUSTMAN – DIVERGÊNCIA A CINZENTO

19 e 26 de Novembro de 2024

FLICKAN OCH DJÄVULEN/ 1944

“A RAPARIGA E O DIABO”

um filme de ERIK HAMPE FAUSTMAN

Realização: Erik Hampe Faustman *Argumento:* Bertil Malmberg *Fotografia* (35 mm, 1:1,37): Hilding Bladh *Som* (mono): Arthur Waldersten *Música:* Moses Pergament, Lars-Erik Larsson (*música inicial*) *Direcção artística:* P.A. Lundgren *Caracterização:* Arvid Ström *Guarda-roupa:* John Zacharias *Assistente de realização:* *Interpretação:* Gunn Wållgren (Karin), Stig Järrel, Sven Miliander (Mattias), Linnéa Hillberg (Elin, a mulher dele), Anders Ek (Olof, o filho deles), Toivo Pawlo (Hans, o outro filho), Julia Caesar (Kersi, o velho criado), Kolbjörn Knudsen (o camponês Klas, no prólogo), Ingrid Borthen (a mulher dele, no prólogo), Hilda Borgström (parteira, no prólogo), Tord Stål (narrador, no prólogo), etc.

Produção: Terrafilm (Suécia, 1944) *Produtor:* Lorens Marmstedt *Título internacional:* The Girl and the Devil *Cópia:* Svenska Institutet, DCP (digitalização de 2016, a partir de materiais 35 mm), preto-e-branco, versão original legendada electronicamente em português, 90 minutos *Estreia:* 30 de Outubro de 1944, na Suécia *Inédito em Portugal.*

notas

Dos seis filmes programados de Hampe Faustman, que a Cinemateca mostra em materiais do Svenska Institutet, *Flickan och Djävulen* é o único apresentado em digital. Os restantes são projectados em cópias 35 mm.

Esta “folha” foi escrita a partir de um visionamento do filme em versão original sem legendas.

“O mais relevante filme sueco desde a era do mudo”, na expressão da jornalista e escritora sueca Barbro Alving, também conhecida pelos atributos pacifista e feminista, fala de bruxaria, feiticeiras, fogueiras, possessões. É a quarta longa-metragem de Hampe Faustman, um filme de época que retrata a Suécia rural do século XVII, uma excepção num curso de filmes preponderantemente realistas, passados em ambientes da classe operária contemporânea da produção das obras. Em 1975, numa primeira apreciação retrospectiva citada no texto de Stefan Ramstedt, escreveu Ulf von Strauss que Hampe Faustman fora “a única voz consciente, explícita e consistente da classe operária no cinema sueco”. É o que se constata neste resgate lisboeta do seu trabalho com a excepção, como é de regra. *A divergência a cinzento* de Hampe Faustman é um traço distintivo de um trabalho em que *Flickan och Djävulen* (“A Rapariga e o Diabo”) surge como desvio em incursão histórica assombrada.

O cartão desenhado com árvore retorcida afundada no escuro da primeira vista geral, dos créditos, convida à superstição. Vem à ideia um belo filme da filmografia muda sueca realizado pelo dinamarquês Benjamim Christensen, *Häxan – A Feitiçaria através dos Tempos*, “alvo de um culto que, como a feitiçaria, se manteve vivo “através dos tempos” graças a um “caleidoscópio demoníaco”, à “natureza delirante e sulfúrica das suas imagens [...à] ideia de ‘colagem’ que preside à sua organização” (termos de Luís Miguel Oliveira na “folha” de *Häxan*, 1922). Clássica e narrativa, a quarta longa-metragem de Faustman começa numa fogueira – uma mulher é queimada num pelourinho, num duro prólogo que, envolvendo ainda um nascimento e mais mortes, retrata acontecimentos dezanove anos anteriores aos do fulcro narrativo. Karin, o bebé que nasce “marcado” pelo diabo é a protagonista, uma rapariga que vem dar à quinta de

Mattias, mulher e filhos, dessassegando as hostes humanas e sobrenaturais. Tem a marca do bebé, a marca diabólica, que um forasteiro, o vendedor ambulante que visita a aldeia situada junto aos rápidos, às planícies de trigo, reconhece, pondo em marcha um combate entre as forças do bem e do mal. Filme de feitiçaria com terror, sombras *noir*, laivos eróticos, ambiente campestre, *Flickan och Djävulen* é uma curiosa descoberta, provando a vitalidade da feitiçaria décadas a fio.

A fotografia de tons escuros e sombras, tonalidade cinza, que parece cunhar os filmes de Faustman – “uma paleta tipicamente cinzenta”, mantém a qualidade sombria, mais idílica, como na sequência da rapariga que se banha despida no lago de margens floridas que o plano mostra geral, ou mais terrífica, como o prólogo e as cenas posteriores de possessão captadas num rosto, na expressão de uma atriz, na caracterização da personagem: conhecemo-la inocente de juventude e disponibilidade, cabelo louro sedoso, expressão doce, e na versão transfigurada, rudemente diabólica, cabelo hirsuto, olhar alucinado, expressão cruel. Gunn Wållgren, a atriz, conhecida atriz do teatro e cinema suecos, já havia sido dirigida por Faustman (*Sonja*, 1943) ou Olaf Molander (*Kvinnor i fangenskap, Ordet*), compondo neste filme do ano seguinte a fabulosa rapariga de *Flickan och Djävulen*.

Rememoremos: Hampe Faustman, Erik Hampe Faustman estreou-se como realizador em 1943, em plena II Guerra Mundial, tendo assinado dezanove longas-metragens de ficção, cujos motivos recorrentes e estilo próprio se afirmou no pós-guerra rumando do algum ao pouco optimismo, na passagem das décadas de 1940 e 50. Da geração filmográfica de Alf Sjöberg e Ingmar Bergman, partiu da posição de actor de teatro (estudou na escola do Dramatiska Teatern) e cinema (a sua primeira participação num filme é de 1940), distinguindo-se como autor do cinema sueco entre as décadas de 1940 e 60 no papel do *radical*. A apreciação de Stefan Ramstedt sintetiza a perspectiva social, de esquerda, atenta à vida comum das pessoas comuns, começando pelos trabalhadores portuários de *Natt i hamn* (“Noite no Porto”, 1943), que de algum modo regressam em *Främmande Hamn* (“Porto Estrangeiro”, 1948), “atracado” num navio que é palco de um motim por motivos políticos. É o fio que se retoma em *När Ängarna Blommar* (Quando os Prados Florescem”, 1946), *Kvinnohuset* (“Casa de Mulheres”, 1946), *Café Lunchrasten* (1954), *Resa I Natten* (“Viagem na Noite”, 1955). A continuar, portanto.

Maria João Madeira